

GAZETA MUSICAL

Publica-se de 15 em 15 dias

Director-proprietario : Alfredo Fertin de Vasconcellos
 REDACTOR-PRINCIPAL : IGNACIO PORTO-ALEGRE

Assignatura para a Capital Federal e os Estados : 10\$000 annuaes ; paizes estrangeiros : 12\$000.

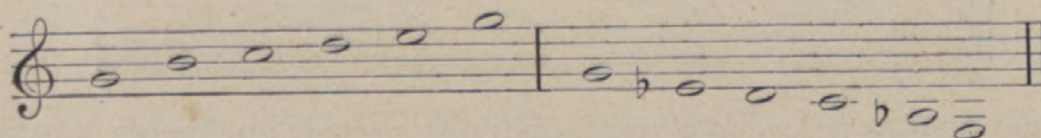
Redacção e administração : Rua da Quitanda, 42, para onde deverão ser enviadas quaesquer correspondencias e communicações, que não serão restituídas ainda que não sejam publicadas

Theoria da formação das escalas chromaticas

(Conclusão)

Seguem-se na ordem de importancia de relação para com o som *Do*, relação aliás secundaria, os alliados da quinta superior (*Sol*), terceiro som parcial e o mais distincto dos seus harmonicos.

Os alliados de *Sol* são :



Com os alliados ascendentes de *Do* e de *Sol* formamos a nossa escala diatonica maior

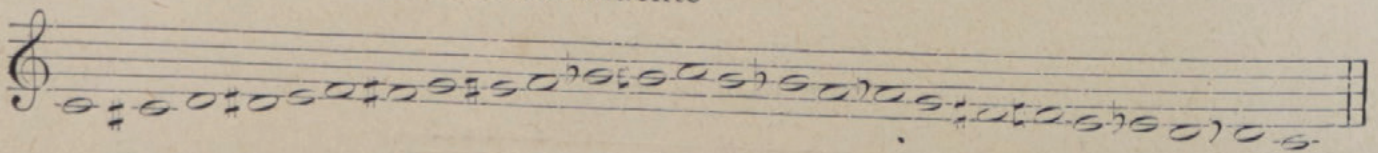


Com os alliados descendentes de *Do* e de *Sol* e os da quinta inferior (*Fá*) constroem-se todos os modos gregos ; aqui, porem, só nos occuparemos do modo lydio, que é o nosso modo maior.

Vejamos agora quaes os alliados de cada um dos sete sons da escala diatonica e quaes os sons novos que vamos encontrar em relação com a tonica.



Pelo quadro precedente verificamos que se pode finalmente construir a serie completa de sons por semitons, produzindo na ordem ascendente a escala chromatica ascendente de Do maior e na ordem descendente a mesma escala chromatica descendente



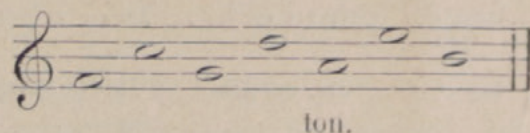
A conclusão é que o *La* $\sharp$ e *Sol* $\flat$ não se encontrando entre os alliados de qualquer dos sons da escala diatonica de *Do*, não teem relação alguma de afinidade com a tonica, e portanto não podem existir na escala chromatica tonal de *Do* maior.

D'ahi resulta que a nossa theoria, baseada na lei da tonalidade, está perfeitamente de accordo com as leis da physica, na observação de cujos phenomenos fomos buscar evidente prova.

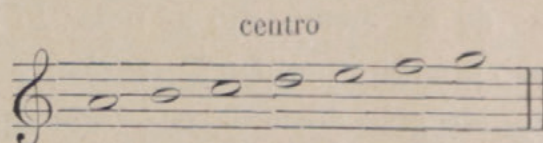
Ahi fica, pois, estabelecida *a priori* a theoria da formação da escala chromatica maior.

∴

Passamos agora a tratar da formação da escala chromatica do modo menor. Uma escala diatonica menor é formada como a do tom relativo maior, do mesmo heptacordio :



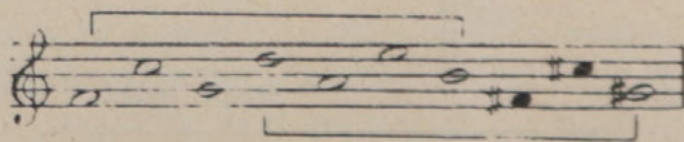
A nota central do heptacordio occupa igualmente na escala diatonica menor o centro :



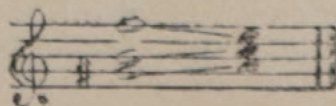
Na tonalidade moderna o setimo grão da escala menor pôde ter a alteração superior afim de tornal-o nota attractiva e sensivel do modo, estreitando assim especialmente uma relação mais intima com a tonica. N'essa relação particular constitue-se uma caracteristica artificial.

Não é, porém, essencial essa alteração senão na sua funcção harmonica, porquanto, melodicamente a impressão do modo subsiste sempre, contanto que na construcção da melodia predominem as notas tonaes e a modal mais importante.

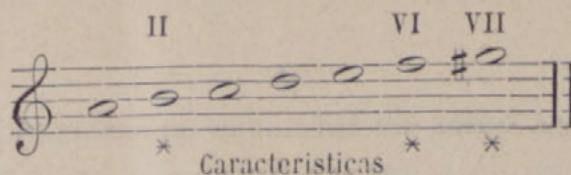
Logo — a escala diatonica menor, na sua origem, é formada dos mesmos elementos da maior, differindo apenas quanto ao seu ponto de partida, á sua nota fundamental. A importancia, porém, de uma *sensivel*, em relação immediata com a tonica, fez com que a setima maior fosse preferida em todos os modos, mesmo n'aquelles em que *não existisse originariamente*. Assim pôde ser considerada como a sensivel do homonymo maior emprestada ao menor.



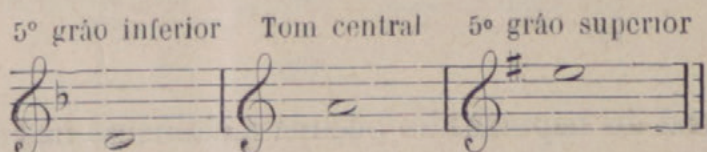
A caracteristica artificial do modo menor e as caracteristicas extremas do heptacordio teem na sua funcção harmonica as qualidades attractivas especiaes ao modo menor :



Estas notas são as do segundo, do sexto e do setimo grãos da escala :



Os dous tons menores vizinhos de primeira ordem são os que teem por fundamental as notas do quinto grão inferior e quinto grão superior :



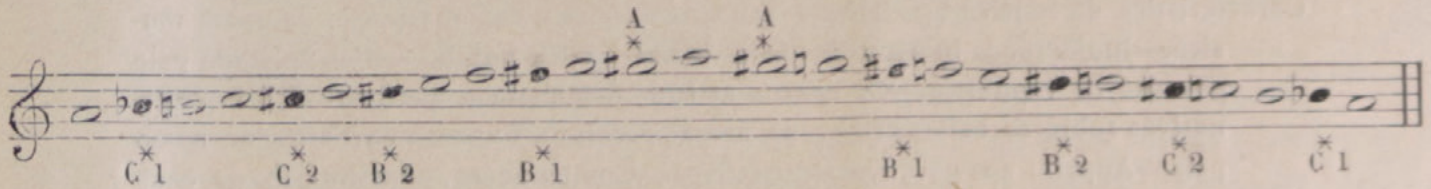
As características de Re menor são as notas *Si* ♮ (primeira nota da série de quintas e sexto grão do tom) *Do* ♯ (sensível) e *Mi* (ultima nota da serie de quintas e segundo grão do tom), esta commum a uma das notas do tom de La menor.

As características de Mi menor são as notas *Do* (primeira da série de quintas e sexto grão do tom) *Re* ♯ (sensível) e *Fa* ♯ (ultima da serie de quintas e segundo grão do tom), a primeira commum a uma das notas do tom de La menor.



A sensível do tom menor central, sua característica artificial, e as características principaes dos dous tons vizinhos, fornecem ao tom central as chromaticas e são immutaveis na ordem ascendente ou descendente da escala.

Com a característica artificial do tom central e as características principaes dos dous tons visinhos de primeira ordem, forma-se a escala chromatica tonal menor :



A — característica do tom central.

B 1 — 1ª característica do tom visinho superior de 1ª ordem.

B 2 — 2ª característica do tom visinho superior de 1ª ordem.

C 1 — 1ª característica do tom visinho inferior de 1ª ordem.

C 2 — 2ª característica do tom visinho inferior de 1ª ordem.

O artifício de uma sensível para o modo menor em obediencia a um principio puramente de *esthetica*, impossibilita-nos de ir buscar na observação de phenomenos acusticos coincidencias nas leis de physica com a nossa theoria. Sem esse artifício, como na escala do modo eolio, applicar se-iam para a formação das escalas chromaticas do modo menor as mesmas regras estabelecidas para o modo maior. A introdução de uma sensível no modo menor veio trazer-lhe mais uma característica essencial, augmentando assim as relações dos dous tons visinhos de primeira ordem, cujas sensíveis impõem-se na estrutura das escalas chromaticas do tom central, e não podem ser substituidas pelas suas synonymas.

..

Em conclusão. A afinidade dos tons visinhos para com um tom central, afinidade tanto maior quanto mais proxima fôr a sua vizinhança, justifica a preferencia dada às chromaticas fornecidas pelos dous tons visinhos de primeira ordem sobre as suas *homophonas* mais distantes da série central.

A harmonia que preside a todas as afinidades dos sons e o limite das suas relações em todo o systema chromatico, a symetria d'essas relações e dos grupos do heptacordio, a convergencia para um centro commum e o grão de importancia de centros predominantes, — a reunião enfim de todas estas relações pareceram-nos sufficientes para estabelecermos a THEORIA DA FORMAÇÃO DAS ESCALAS CHROMATICAS TONAES.

Animamos-nos, pois, a apresentar este trabalho, que poderá despertar algum interesse às pessoas que se entretêm com investigações d'esta natureza.

LEOPOLDO MIGUEZ.

A musica no Brazil

Caracteristica da musica brasileira.—Tendencias para a nacionalisação da nossa musica.—Indifferença monarchica pelas bellas-artes e auxilio a ellas prestado pelo governo da republica.—Os nossos artistas.—Influencia das instituições governativas sobre as bellas artes.—As nossas escolas.—Expansão artistica no nosso paiz.—Appello aos governos legislativos.—Comparações.—Instituição de concertos populares.—Necessidade da creação de orçhestras municipaes.—Reorganisação das nossas bandas militares. — Influencia das musicas militares no gosto do publico. — Appello ao corpo legislativo e aos officiaes superiores do nosso exercito

Fôra deveras penoso o descermos a investigar as causas primarias, a origem da indifferença artistica do nosso povo, durante todo o largo periodo de estiolamento monarchico.

Em todos os tempos o Brazil se apresentou como o unico representante das bellas-artes entre as nações americanas, os artistas de merito revelaram-se, os principes fingiram protecção á Arte e no entanto a monarchia marcou um longo e improductivo periodo de indifferença na vida artistica brasileira.

A causa d'isto?... Eis uma pergunta a que se não responde facilmente.

Parece-nos que a origem d'esta despreoccupação, d'este desprendimento em materia de arte nos veio dos primeiros colonisadores d'este vasto e futuroso paiz.

O elemento portuguez, que serviu de base á nossa nacionalidade, trouxe-nos, com a sua actividade commercial e especuladora, a feição que accentua o seu paiz como o mais atrazado representante da arte latina. A audacia dos descobrimentos, o sonho da riqueza do Novo Mundo, não deixaram logar ao luzitano para occupar-se de acompanhar a Italia e a França no caminho artistico cuja méta as duas procuravam attingir.

O nosso clima, a nossa natureza, o cruzamento das raças, a poesia natural do nosso gentio operaram este reviramento e trouxeram-nos este temperamento especial e indigena muito propenso á Arte.

A importação hectorogenea, desencontrada, sem escola, das musicas europeas, os cantos estimados e sentidos da opera italiana, as canções populares do immigrante, os trabalhos musicaes dos artistas do norte da Europa, reuniram-se á melopéa plangente das toadas africanas, aos cantos primitivos da musica indigena e, d'ahi, uma feição caracteristica do nosso povo, feição que se ha de accentuar mais e mais e que fará—quem sabe ?

—uma escola, talvez, com um cunho muito particular de originalidade e de brazileirismo.

A toada dolente do escravo africano, essa melodia triste do captivo, esse rythmo monotono, que representavam o lamento da liberdade perdida, a recordação de uma patria que não mais se veria, essa melopéa original e triste, primitiva e poetica, está ainda no ouvido de quantos foram com ella emballados e ha de persistir por longo prazo como o cunho das nossas composições musicaes.

A crise ha de vir após, talvez; e depois que tivermos, e bem, imitado todos os mestres, italianos ou allemães, latinos ou saxões, havemos de emancipar-nos d'esse captiveiro e crearemos, talvez, um estylo todo nosso, uma musica perfeitamente accentuada, que não se confundirá com a dos outros povos; musica apaixonada, de accentuação poetica, melancolica mas energica, apaixonada mas viril, que marque perfeitamente o cunho da nossa nacionalidade.

Predizer os meios porque se fará essa transformação, antecipar o estudo d'essa modificação da nossa musica, é tarefa por demais pesada para que nos mettamos n'ella, tanto mais que difficilmente se poderá prever a fôrma porque ha de operar-se.

Mas, observando um pouco, nós vemos que a melodia italiana e a canção popular do norte da Europa, com todo o seu cunho de tristeza, são as que mais se coadunam com o temperamento da massa geral do nosso povo.

Em que peze aos apologistas da innovação, aos anti-melodicos, a nossa tendencia é pela musica sentida, plangente, parecida com a que nos emballou no berço.

E' uma questão de esthetica de um povo, que não pôde modificar de fôrma alguma a sua maneira de sentir, a sua forma de vêr o bello.

Mas vamos então ficar n'essa imitação da melodia lyrica italiana? Vamos acompanhar essa escola que não caminha, que se repete, que se gasta sem innovar?

Não decerto. Da fusão de todas as escolas, do estudo de todas as fôrmas, d'essa apreciação de todos os mestres é que ha de vir a sciencia musical para unir-se á tristeza do nosso sentimentalismo artistico e fazer a nossa caracteristica musical. Não somos um povo que se molde a formas velhas, e ahi estão a proval-o a audacia dos nossos musicos, o traço indisciplinado dos nossos pintores, a hyperbole dos nossos poetas.

Não haverá molde velho que nos sirva, que temos as tendencias arrojadas para as grandes concepções, todas as audacias dos grandes creadores, toda a indisciplina dos grandes artistas.

Mas hão de ser justamente essas tendencias, essas indisciplinas, essas audacias, ligadas á tristeza natural da nossa melodia, ao lyrismo do nosso canto, á indolencia originada pelo nosso clima, que irão constituir o nosso estyllo do futuro, a nossa musica nacional, a nossa feição característica especial, a nossa individualidade artistica.

Quando chegará, porém, essa epoca de nacionalisação? Quando vassaremos em moldes nossos, puramente nossos, a nossa veia sentimental? Quando deixaremos de uma vez a imitação para constituir escola? O futuro o dirá.

A mocidade que hoje se dedica ao estudo das bellas-artes encontra entre os nossos mesmo um espolio soberbo para observação e estudo.

Sem fallar nos antigos, alguns dos quaes provaram muitas vezes com os seus trabalhos o cunho d'essa originalidade e d'essa audacia brasileira, e accentuaram sempre a tenacidade do nosso artista em lucta com a indiferença estúpida dos seus contemporaneos e o abandono culposos dos governos da monarchia, nós deixamos trabalhos de modernos que constituem um principio de escola.

Na escultura, Rodolpho Bernardelli accentúa com o seu genio creador a pujança de um artista de raça; na pintura, Zeferino Amoedo, Henrique Bernardelli, Pedro Americo e outros, provam com o seu colorido muito brasileiro a sua indisciplina e o seu desejo de caminhar; na musica, deixamos as bellas producções de Carlos Gomes e os trabalhos magistraes de Miguez a provarem o arrojo e a imaginação de um e a competencia, a arte, o estudo, a concepção e o talento de outro.

O periodo brilhante do renascimento da nossa arte chegou-nos com a Republica, como o nosso atrophamento artistico se accentuou com a existencia da monarchia.

Na vida dos povos as conquistas de liberdade publica, são conquistas no campo da Arte.

O povo opprimido não produz, não se manifesta, não pôde mostrar-se grande e as ruas athenienses não seriam, como foram, exposições de monumentos de arte, sob um regimen de tyrania e oppressão.

A expansão de liberdades publicas, revela-se pelas concepções artisticas, e Miguez não se manifestaria grandioso no seu poema symphonico *Aves Libertas!* sob um regimen hypocrita de monarchia religiosa. E' que a atrophia da nossa liberdade; é que a mentira do nosso convencionalismo catholico-monarchico; é que o nosso velho systema de governo gasto, improductivo, hybrido, no meio d'esta America liberrima, não podiam dar a inspiração d'aquelle trabalho de mestre.

Foi preciso o grande movimento que nos elevou á altura de um povo culto, essa conquista que nos deu direito á supremacia entre os americanos, essa victoria de um povo, para inspirar aquella pagina sublime de Arte brasileira, pagina que representa o grande talento de um artista, o grande coração de um brasileiro!

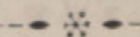
..

Verificada assim a nossa tendencia pela musica, é preciso que seja ella poderosamente auxiliada pelos nossos governos, que se devem lembrar que é pela musica que se consegue a modificação da indole de um povo. Dizia um grande orador: « Il n'est pas d'art mieux fait pour elever les âmes, pour detourner le peuple des plaisirs grossiers » (*Jules Favre, Discours*) e provada está a verdade desta asserção do grande tribuno francez.

E' por isso que a França não regateia favores ás suas instituições musicas e, desde longo tempo, cura com os maiores desvellos do seu Conservatorio de Pariz, não só collocando á sua frente artistas da mais provada competencia, como fornecendo os meios pecuniarios precisos para o seu desenvolvimento.

B. R.

(*Continúa*).



Chronica Musical

Mal inspirada andou a empresa Ducci reservando para a ultima das trinta recitas de assignatura a exhibição da *Dona Branca*, opera de Alfredo Keil.

Havia um fim especulativo nessa reserva, como talvez na supressão da opera *Lo Schiavo*, de A. Carlos Gomes. A empresa julgava poder apanhar assignaturas para uma enfiada de recitas supplementares á das primitivas trinta recitas do seu contracto de estréa ; mas enganou-se redondamente, porque os frequentadores do Lyrico estavam desgostosissimos com algumas *partidas*, que lhe haviam sido feitas, e parte d'elles manifestou por tal modo esse desgosto, que nem consentiu que a applaudida *partitura* do maestro portuguez fosse ouvida em nosso theatro além do prologo e primeiro acto.

..

São do dominio publico os desastrosos acontecimentos dessa noite fatal, em que, dos excessos explodidos na sala do Lyrico fluminense, quasi se levantava a scentelha de uma conflagração pelas ruas, conflagração que ia pondo em sério risco a habitual tranquillidade desta pacata e pachorrenta capital da nascente Republica Federal Brasileira.

Soffreram as familias que se achavam no theatro ; soffreu o proprietario do theatro, que em tudo isso entrava como Pilatos no *Credo* ; soffreu o regimento policial, a autoridade que presidia o espectaculo, a empresa lyrica, a briosia mocidade academica, em luta com os agentes da força publica, e soffreu, finalmente, o proprio governo, que teve de aprestar elementos e adoptar energicas medidas para obstar a conflictos consecutivos ao dessa noite memoravel e dos quaes poderia repentinamente originar-se uma revolução.

..

Foi assim o triste acabamento da tal temporada lyrica, annunciada com lisongeiras promessas quanto a elenco e a repertorio, e, no entanto, decorrida entre altos e baixos, entre applausos e apupadas, e, finalmente, coroada por uma scena de vandalismo.

Será possivel que o empresario Ducci ainda se lembre de vir ao Rio de Janeiro pedir assignaturas para recitas lyricas ?

E, si esse empresario, de gloriosa memoria, se animar a tanto, haverá porventura quem commetta a imprudencia de prestar-lhe o concurso dos seus capitaes para essa nova especulação, que terá como sombra nefasta a sanguinosa recordação do que se passou na noite da *Dona Branca* ?

..

Para cumulo de infelicidade, o Sr. Ducci partiu-se para fóra do Rio de Janeiro deixando seu socio, o sympathico Sr. Ciacchi, em pleito aberto com a companhia, de Theatros Brasileira !

Já é ser funesto, a si e aos outros...

Cerradas as portas do Lyrico para a exhibição de operas, a esta chronica pertencerão d'ora em diante as festas musicas, celebradas pelas *virtuoses* em viagem artistica e pelas raras associações philarmonicas desta Capital.

Seria occasião de abrilhantal-a, desta vez, com as referencias ao concerto dado no salão do Cassino pelo emerito violinista cubano, da Real Camara do soberano da Prussia, Sr. Brindis de Sálas, si a apreciação

dessa individualidade artistica, precedida da mais honrosa reputação nas velhas cidades musicaes da Europa, não houvesse sido confiada á penna competente de outro escriptor.

Em occasião opportuna encontrarão, pois, os nossos leitores autorizada noticia critica relativa áquelle illustre violinista, discipulo da severa escola allemã e possuidor de brilhantissimo talento musical, perante quem se curva respeitoso o obscuro chronista.

A. CARDOSO DE MENEZES.



Livro Inedito

(Continuação)

A respeito de aprendizagem, a mestrança era muitissimo minguada no numero e exigente no preço das lições.

Só as pessoas abastadas podiam pagar os conselhos de que careciam as vocações artisticas.

E, todavia, em cada casa, rica ou pobre, lá estava o piano a gemer ou a cascalhar musica barata: o *recitativo da Dalila* do *era no Outomno, quando a imagem tua...* ou então a celebre valsa *Saudades do Pau grande*, a *Prière d'une Vierge*, a quadrilha dos *Lanceiros*, e um ou outro trecho do *Trovador*, da *Traviata* (*addio del passato...*) mas tudo isso n'um andamento que era de fazer arripiar os cabellos de um calvo e sacudir o systema nervoso de um frade de pedra!

Beethoven, Mozart, Mendelsosshn, Chopin, Schumann e outros resplendentes nomes, que representam o precioso escriptorio da arte musical, tudo isso era hyeroglypho para a sociedade fluminense, que, aliás, ainda hoje faz caretas a essa gente sonhadora « que parece haver composto musica para servir de antidoto á insomnia ».

Sim; hoje — em dia.

Hoje — em dia, como nos tempos primitivos da *safarrascada phonica*, a sociedade fluminense, que está inquestionavelmente muito mais adiantada e têm o seu gosto artistico muito mais educado; hoje em dia, ha ainda quem finja apreciar a musica classica. Ha quem *finja*, porque quem *gosta* d'ella, isso ainda é raro, rarissimo.

A dansa occupa ainda o primeiro logar nos primeiros salões fluminenses, onde, ao passo que rareiam os objectos d'arte, os quadros de bons autores, ostentam-se as oleographias e figurinhas de porcellana.

Quando alguém, artista, ou amador, vae tocar ou cantar, é com difficuldade que obtem silencio e attenção de conspicuo auditorio.

As sociedades philarmonicas lutam contra a falta de gosto e educação artistica.

Para conseguirem viver, offerecem, em suas reuniões quinzenaes ou mensaes, programmas organisados em modo que, na primeira parte sòmente, sejam preenchidos pela Musica, dedicando a segunda parte aos exercicios choreographicos.

Emquanto se desempenha a parte musical, os rapazes e as moças tratam de conchavar-se para as quadrilhas, polkas e valsas, que hão de dansar na segunda parte da festa.

E, apesar d'isso, não conseguem vingar os sociedades philarmonicas.

Haja exemplo no que succedeu com a antiga sociedade *campe-sina*, com a sociedade *Philharmonica* e com o *Club Mozart*.

O *Club Beethoven*, a *Sociedade dos quartettos do Rio de Jaueiro* e até a *Sociedade dos Concertos Classicos*, sob o patrocínio da Princeza e sustentada pela aristrocacia do dinheiro e do talento, nenhuma d'essas sociedades conseguiu manter-se por muito tempo.

Quando se dão grandes concertos no salão do *Cassino Fluminense*, os organisadores julgam-se obrigados a collocar os bilhetes com grande antecedencia e às ornamentações do salão, ajuntam grandes placas impressas, onde em letras garrafaz se ostenta o «pedido de não sahir nem entrar no recinto em que se realisa o concerto durante a execução do respectivo programma, sollicitando ao mesmo tempo o necessario silencio para não ser perturbado o concerto».

Uma verdadeira lastima !

Ao Theatro Lyrico affluem assustadoras ondas de *dilettanti* e a sala fica cheia, de aspecto deslumbrante.

Serão, porém, todos diletanti ?

Saberão todos apreciar o merecimento da musica e dos artistas, que alli vão servir ?

As opiniões que se cruzam, durante os intervallos dos actos, accusam quasi sempre completa ignorancia por parte dos que as emittem e demonstram eloquentemente a falta de gosto e de educação artistica, de que se resente a sociedade fluminense.

Em cada frequentador dos espectaculos lyricos ha um critico e em cada critico uma opinião : *tot capuet, tot sententia* ».

(Continúa).

Noticias do Rio e Estados

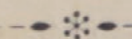
Os estimados capitalistas Visconde da Leopoldina e Trajano Augusto de Moraes fizeram doação de 16 contos de réis para a aquisição de poltronas para o novo salão do Instituto Nacional de Musica.

Fazer *reclame* á philantropia dos generosos doadores seria prolixo, tantos são os actos de benemerencia que praticam constantemente, mas é para louvar este auxilio dado a uma casa de educação como o Instituto, que bem merece do publico pelo muito que d'elle se espera.

Felicitemos entusiasticamente os distinctos doadores e o corrector Luiz Peixoto, a cuja intervenção se deve esta valiosa dadiva.

— O Sr. Kinsman Benjamin foi convidado pelo Sr. ministro de Hespanha para fazer, no Cassino Fluminense, um grande concerto symphonico em beneficio dos innundados de Hespanha.

Estamos certos de que será franco e decidido o auxilio publico a esta festa de caridade, pela qual muito nos interessamos.



Noticias do Estrangeiro

— Recebemos os ns. 17, 18 e 19 (5º anno) do *Amphion*, excellente revista musical editada pela casa Neuparth, de Lisbôa.

Entre valiosos trabalhos que publica, encontramos um estudo sobre o violoncello, escripto pelo professor Carlos de Mello, que promette ser um auxiliar importante para os que estudam a historia e technica d'aquelle instrumento.

Como nos consta que o Sr. Carlos de Mello vai publicar em livro o seu trabalho, aguardamo-nos para mais tarde fazer a critica dos *Subsidios para o estudo e para a historia do violoncello*.

Em todo caso desde já applaudimos o illustrado professor e o incitamos a proseguir em um trabalho que, infelizmente em Portugal, como no Brazil, conta tão poucos que a elle se dediquem.

— Segundo o *Amphion* parece que a esplendida illuminação electrica do theatro S. Carlos, de Lisboa, vai ser substituida pela do gaz !!

Qual será a vantagem que encontraram ?

Homem ! até parece cousa da nossa Capital Federal !

— Guilmant, o excellente organista, realisou no Trocadero, em Pariz, 4 concertos. O ultimo d'estes concertos apresentou o desenvolvimento da

musica de órgão e do canto dramatico, que é indispensavel n'um concerto de órgão, e por ordem chronologica.

Concorreram, como solistas, a contralto Montégu-Montibert e o barytono Auguez, começando com um trecho da mais antiga opera italiana *Arianna*, de Monteverde terminando seu programma com Haydn (Cavatina de *Orfeo*). Guilmant começou com Gabrieli e Palestrina, seguindo até Mendelssohn e Lemmens, o compositor organista belga.

— No *Teatro Nazionale*, em Roma, teve logar a primeira representação da opera comica *Nòzze in prigione*, de Emilio Usiglio, alcançando um exito completo.

— Teve um notavel successo, no *Teatro Costanzi*, em Roma, a nova opera « *Spartacus* », de Platania.

Diz-se que a musica é de muito valor e original.

— Effectuou-se no *Teatro Nuovo*, em Verona, a primeira representação de uma opera inedita, « *Elsa* », cujo libreto e musica são de Arturo Garracoli. cirurgião do 51º regimento de infantaria.

— Nos theatros de Varsovia foi inaugurada uma innovação: a direcção comprou 3000 binoculos, augmentou de 5 kopeks o preço de entrada, e põe á disposição do espectador um binoculo, que lhe é entregue, como marca numerada, pelo bengaleiro ou guarda-roupa. Terminado o espectáculo, effectua-se a troca do binoculo, pela marca e capote ou outro objecto depositado. Para evitar a sahida do binoculo, em companhia do espectador, acham-se esses marcados com os seguintes dizeres: « Pertencente á direcção dos theatros imperiaes ».

CASA EDITORA

Fertin de Vasconcellos e Morand

ESTABELECIMENTO DE
PIANOS E MUSICAS

Sortimento de pianos de Pleyel, Herz, Gaveau, Bord, etc.
Aluga, vende e concerta.

MUSICAS DE TODOS OS EDITORES NACIONAES E ESTRANGEIROS

VARIEDADE DE
Mochos, estantes, isoladores, assucenas, diapasons, capas, etc.

42, Rua da Quitanda, 42
RIO DE JANEIRO

A RABECA DE OURO

Grande fabrica de instrumentos de musica, premiados nas exposições do Brasil, Portugal, Philadelphia, e ultimamente na grande exposição Universal de Paris

João dos Santos Couceiro

Fornecedor do Instituto Nacional de Musica

Grande sortimento de Rabecas, Violoncellos, Contra-Baixos, Violões,

Bandolins

Todos os artigos pertencentes a instrumentos de musica são importados directamente da Europa.

Especialidade em cordas para todos os instrumentos.

N. 42, Rua S. Francisco de Assis, N. 42

(Antiga da Carioca)

Rio de Janeiro

PIANOS

Vende, aluga, troca, concerta e afina pianos com toda a perfeição, a preços razoaveis.

Compra pianos em bom estado

AFFONSO PIRES

29, Rua da Constituição, 29

RIO DE JANEIRO

Companhia Importadora

DE

PIANOS E MUSICAS

Grande sortimento de musicas de todos os autores, tanto nacionaes como estrangeiros, a preços baratissimos.

Compra, vende, aluga, concerta e afina pianos, a preços razoaveis.

73, Rua Gonçalves Dias, 73

CAPITAL FEDERAL

GRANDE ESTABELECIMENTO

DE

PIANOS E MUSICAS

Arthur Napoleão & Comp.

89 Rua do Ouvidor 89

Pianos de Erard, Pleyel, Henry Herz, etc. Unico deposito dos pianos de Bechstein e Otto.

RIO DE JANEIRO

Caixa do Correio n. 336

Telephone n. 258

PIANOS

DE

Pleyel, Erard, Herz, Gaveau, Bord, Ph. H. Herz, Elcke, etc.

IMPORTAÇÃO DIRECTA

DE

Harmoniums de Mason & Hamlin, Chicago Cottage, Alexandre Père & Fils,

Harpas de Erard & Comp.

UNICO DEPOSITO

DOS

Pianos de J. Blüthner

Grande e variado sortimento de bancos, estantes, isoladores, capas, cordas,
feltros, sedas, pelles, metaes, etc.

Especialidade em ferramentas e artigos para reparação de pianos

Vendas excepcionaes e garantidas

Buschmann & Guimarães

52 — RUA DOS OURIVES — 52

PIANOS DE PLEYEL

E DE

OUTROS BONS AUTORES

Vendem-se a preços razoaveis no estabelecimento musical

DE

FREDERICO GUIGON

9 — RUA DOS OURIVES — 9